

## AGRESSIVIDADE INFANTIL: POSSÍVEIS CAUSAS E CONSEQÜÊNCIAS

SANTOS, Ellen Fernanda

Discente do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Saúde – FASU/ACEG –  
GARÇA/SP – BRASIL

e-mail: [santos.ellen@yahoo.com.br](mailto:santos.ellen@yahoo.com.br)

### RESUMO

A agressividade infantil é algo ainda pouco discutido e ignorado. A importância deste artigo justifica-se pelo número cada vez maior de crianças que apresentam a agressividade em desacordo com o que é socialmente considerado normal. Seu objetivo foi, através de levantamento bibliográfico, definir quais são as possíveis causas de uma agressividade infantil mal atuada e suas conseqüências. Quanto às causas acredita-se que venha da interação genética com o meio a que a criança está inserida e carência em práticas disciplinares claras e coerentes. As conseqüências muitas vezes passam do âmbito familiar e vão refletir de modo a prejudicá-lo em sua fase adulta.

**PALAVRAS-CHAVE:** Agressividade infantil, Bullying, Agressão.

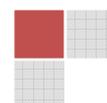
### ABSTRACT

Children rage is something not discussed as it should be, and ignored at all. The importance of this article is justified by the growing number of children that shows rage above what is considered normal. The point of this writ was, by bibliographic research, define what are the possible origins of a child rage bad actualized and its consequences. About its reasons it is believed that it comes from genetic interaction with its childhood and absence of clear and coherent disciplinary practices. The consequences, most of times, pass from the familiar habitat and harm adult life.

**KEY-WORDS:** Infantile aggressiveness, Bullying, Aggression.

## 1. INTRODUÇÃO

A agressividade infantil é característica de atuação normal em fase inicial do desenvolvimento do indivíduo. Essa fase, que é transitória e passageira reflete suas conseqüências em fases posteriores da vida. São cada vez mais freqüentes os casos em que, por motivos que serão discutidos mais a



frente, a criança não a vivência conforme o considerado próximo ao saudável. Os pais, na maioria das vezes por desconhecerem os fatores causais ou mesmo negligenciarem a agressividade de seu filho contribuem para sua acentuação. Dessa forma podemos contemplar cada vez mais os reflexos em adultos atuando agressividade excessiva, violência, delinqüência e diversos outros comportamentos tidos como anti-sociais. Então, quais as possíveis causas e influências para que isso ocorra de modo a ser considerado anormal e maléfico a criança e as suas conseqüências?

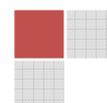
A agressividade infantil debruça-se em diversos fatores que rodeiam as primeiras fases do desenvolvimento infantil. Tendo a família, em especial a mãe, grande importância e responsabilidade para que esse aspecto do desenvolvimento ocorra de maneira saudável e normal a criança. Através de alguns autores serão expostos de forma sucinta alguns dos possíveis fatores que levam a criança a atuar a agressividade de modo anormal em relação ao aceitável socialmente e quais as conseqüências acarretadas a vida do pequeno atuante e seus familiares. Foi realizado o levantamento na literatura pertinente ao tema Agressividade Infantil, Bullying e Agressão nos principais sites de buscas para periódicos: Scielo, Scholar.google, Lilac's, RedePsi e outros; bem como no acervo bibliográfico da Associação Cultural e Educacional de Garça – SP. Aos artigos consultados foram aplicados tratamentos qualitativos.

## **2. POSSÍVEIS CAUSAS E CONSEQÜÊNCIAS DA AGRESSIVIDADE INFANTIL**

Como ressaltado anteriormente, será discutido de forma sucinta e objetiva as possíveis causas e as conseqüências da agressividade infantil mal atuada abrangendo a criança e àqueles de seu convívio familiar e social.

### **2.1. A Origem da Agressividade**

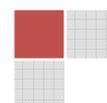
A personalidade é formada a partir das vivências do indivíduo. A ela está a responsabilidade de organizar os sistemas internos e externos que constituem cada ser de forma individual e subjetiva. Seu desenvolvimento e



formação se darão através da absorção e reflexo de todas as influências as quais a criança encontra-se exposta. Sua atuação ocorre de acordo com a vontade da criança. E é nessa contínua de a criança absorver e refletir atitudes daqueles que a rodeiam que a agressividade atuará de modo a prover a satisfação à criança de alguma de suas bases que ora se encontram confusas ora inexistentes.

No desenvolvimento afetivo a frustração que a mãe tem de exercer no filho no início o sensibilizará a frustração em geral. Para Mucchielli (1963) o “Eu” adquire consciência de si através da oposição e é por ela que vivenciará uma experiência e se moldará sob a resistência de um “não-Eu”. Tanto a submissão quanto a frustração excessiva são graves fatores patogênicos que desenvolverão um “Eu” anormal, insuficiente e perturbador. As fases como: desmame, educação do asseio, reação ao negativismo dos três anos, reação ao nascimento de um irmão ou irmã, reação às atitudes dos progenitores; são importantes quadros que, quando não vivenciados de modo saudável, são fortes contribuintes para uma agressividade anormal.

É preciso ressaltar que não são raros os casos em que os pais desconhecem ou ignoram um dos fatores mais importantes na reversão da agressividade, a sua origem. A importância em se conhecer a origem da agressividade, que será fundamental na reversão deste processo, é destacada por Campos (2004). Mesmo admitindo a existência de discordância quanto à origem, acredita que tal comportamento advenha da interação genética com o meio que a criança está inserida, sendo sua atuação particular a cada indivíduo. Para ela há características inatas que surgem de acordo com cada período do desenvolvimento da criança de modo particular. Normalmente é “manipulativa” e seu objetivo é o de conseguir satisfazer suas necessidades. Quando em um ambiente provedor do apoio necessário tal conduta naturalmente tende a ser controlada e se modifica a posturas aceitas socialmente.

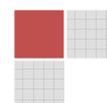


As crianças as quais apresentam sua agressividade em desacordo com o que é considerado próximo ao normal e saudável podem ter relação com fatores tais como pais que não apresentam clareza e coerência em sua postura quanto a sua educação e limites, a violência doméstica a qual está inserido ou ainda o seu ambiente escolar. Visto que a criança é “super” influenciada por seu ambiente familiar e social. Para Távora (2007) uma vez que o ambiente onde a criança se encontra a trata como um problema indesejável irá atenuar os problemas de tal modo que a criança não se aceitando torna-se ainda mais agressiva. Visto que ela demonstra sua agressividade a fim de despertar nos pais os sentimentos internos não percebidos pelos mesmos.

Maia e Vilhena (2003) apontam que a base de tal comportamento encontra-se inicialmente nos pilares parentais, na falha das funções maternal e paternal. Onde a agressividade seria o meio pelo qual a criança buscaria resolver a inversão de papéis, ou a sua diluição, a que muitas vezes encontra-se. Então, a exemplo dos pais, a criança vivenciará de forma simbólica uma eterna adolescência. Nessa confusão de papéis os pais encontram-se em um ideal de “adulescência” e constituem uma família adolescente que não fornecerá papel ao qual se encaixe a criança e os adultos de forma distinta, de modo que muitas vezes esses papéis apresentam-se confusos ou simplesmente inexistentes.

Para Winnicott (1982), direta ou indiretamente constitui reação à frustração. Onde, muitas vezes, haverá a necessidade de ser enfrentado por alguém que impeça possíveis danos. Em outros momentos apenas atua impulsos através de determinado tipo oposto. Onde, na criança de mais idade, construção e agressão constituem relação entre si. Já nos primeiros anos de vida há conjugação de amor e agressividade no impulso de morder. Sendo a mãe a provedora responsável a dar assistência para uma atuação saudável.

É importante considerarmos a subjetividade humana, a individualidade e a vivência de cada um. Cada um dos fatores aqui apresentados não necessariamente apresentar-se-ão a todos os indivíduos, muitas vezes eles

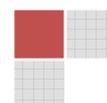


inexistem ou não chegam a ser prejudiciais a criança. Cabe salientar também a existência de diversos outros motivos que aqui não encontram-se descritos, porém não menos importantes. Para entender a agressividade infantil é preciso entender a subjetividade do indivíduo inserido na sua problemática. Isto significa considerar o contexto histórico-social de forma individual, única. É preciso que sejam avaliados aspectos da criança e da família, tais como: idade, sexo, estrutura familiar, condição socioeconômica, ano escolar, os aspectos do comportamento agressivo e outros. Também é importante esclarecer algumas das possíveis conseqüências da agressividade quando mal atuada em âmbito familiar, social e individual. Como se dará o convívio do pequeno com os outras pessoas em geral e consigo.

## **2.2. As Possíveis Conseqüências**

Pode nos ocorrer acharmos muito erroneamente que crianças agressivas apresentarão apenas atitudes óbvias de agressividade. Não nos ocorre, porém, que muitas vezes essa criança poderá sofrer de forma silenciosa e assim reprimir essa agressividade de modo, muitas vezes, a se afastar do convívio social. As conseqüências serão tantas quanto àqueles casos em que se pode observar agressividade sem que uma avaliação profunda seja feita. Este artigo tem a pretensão de apresentá-las de modo sucinto abrangendo algumas das conseqüências resultantes do comportamento agressivo na criança. A criança ao se afastar do comportamento socialmente considerado normal e que continua a manifestar comportamentos agressivos, segundo Dias (2008), pode apresentá-los de modo seletivo onde atuará apenas com determinadas pessoas ou lugares. De outro modo, este mais grave que o primeiro, a criança não apresenta tolerância a qualquer frustração e responde a tal situação quando frustrada.

Os diferentes caminhos que a agressividade irá percorrer, segundo Maia (2007), dependerão do ambiente onde o indivíduo está inserido. Ficando à mãe a responsabilidade irrestrita de ser objeto de frustração para a criança. Àquela

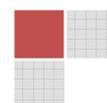


que souber propiciar um ambiente facilitador, permitindo ao filho exercer, vivenciar e sobreviver à agressividade. Nesse o desenvolvimento ocorrerá de maneira saudável. Porém, em um ambiente contrário ao anterior, onde muitas vezes as manifestações agressivas nem mesmo são percebidas, haverá a necessidade de demonstrar mais comportamentos agressivos.

“Se a criança tiver um ambiente facilitador (...) poderá exercer sua agressividade, vivenciá-la e sobreviver a ela, integrando-se como um ser total. Se o ambiente não tiver sido propício nem facilitador, (...) esta criança continuará a procurar bolos até encontrar um que resista a seus ataques e ela possa comê-lo e internalizá-lo como sendo seu.”  
(Maia, 2007)

Segundo Pavarino, Del Prette e Del Prette (2005), não há correlação entre comportamento empático e agressivo, nem diferenciação entre idade ou sexo. Porém meninos apresentam maior comportamento agressivo, enquanto as meninas apresentam maior comportamento empático. Ressaltando a íntima ligação com fatores de risco ao desenvolvimento e à aprendizagem. Reações mais elaboradas são mais freqüentes com a idade e, também a força física. Silvaes (2000) observa que as práticas parentais pobres em disciplinas e monitoramento da criança propiciam condições iniciais aos problemas de conduta. Aponta influência de quatro variáveis – comportamento dos avós, comportamento dos pais, variáveis sócio-demográficas e “estressores” familiares. Essas crianças encontram dificuldades em inserir-se em grupos e passam por falhas acadêmicas, encaminhando-se a delinqüência, quando adolescentes.

A influência dos pais, que muitas vezes mal orientados e até mesmo negligentes, estimulam na criança é salientada categoricamente pelo predominate número de pesquisadores que pesquisam a agressividade infantil. Também para França e Yaegashi (2005), os pais têm importante influência no desenvolvimento da agressividade das crianças. Onde, muitas vezes não conseguem impor limites e disciplinar, não percebem as demonstrações de agressividade de seus filhos. Estes, por sua vez,

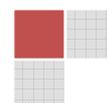


expressam-se de modo gradual, indo do sutil ao comportamento exagerado. Possibilitando iniciar-se mesmo antes de o nascimento, independendo de sua classe social. Fica aos pais a responsabilidade de balancear a educação, permitindo que as crianças expressem suas emoções e a eles também frustrarem os excessos.

As crianças que convivem em meio a certa carência afetiva em âmbito familiar segundo Bordin e Offord (2000) caracterizam-se por sua marcante falta de esperança, onde seus reflexos estão em comportamentos ansiosos em resgatar ou encontrar algo que lhe foi bom. Na busca pelo objeto que lhe servirá de provedor, estabilizador e que suportará e será repetitivamente testado por seus atos agressivos, seu objetivo procurado e encontrado é mantido preservado. Salientam a importância que representa a contribuição da criança para o relacionamento familiar. Os filhos muito trabalhosos, que são para os pais demasiado difíceis de lidar e com comportamentos agressivos, têm para si sua parcela de contribuição a desorganização familiar e desequilíbrio no relacionamento conjugal fragilizado.

Na criança de mais idade comportamentos incômodos e perturbadores rotineiramente encontram-se envolvidos a atividades perigosas. Não há por parte dos agressores qualquer sinal de sofrimento psíquico ou constrangimento em relação a sua postura de sempre invadir os direitos dos outros. Causando quase sempre maior impacto no outro que a si mesmo. Nos comportamentos anti-sociais a atenuante reside na persistência em manter tais atitudes, mesmo face a conseqüências negativas.

Não se pode deixar de salientar novamente que, mesmo que grande parte das crianças ditas agressivas adote comportamentos mais elaborados e difíceis de lidar, uma agressividade vivida de maneira retraída e silenciosa também não é algo raro. Muitas vezes a criança demasiado apática e passiva pode ter encontrando no aparente “silêncio” a única maneira de expressar que algo a está incomodando. Essas crianças muitas vezes apresentarão comportamentos de fuga, exclusão, apatia, aparente desinteresse por



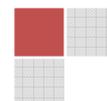
atividades em grupos e muitas vezes desinteresse escolar. Ambos os casos são demasiado difíceis aos pais, professores e a sociedade em geral. Porém, enquanto no primeiro caso há maior facilidade em se reconhecer as necessidades da criança no segundo necessitará de maior sensibilidade e observação quanto ao comportamento da criança.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notável o contínuo aumento do número de crianças que apresentam comportamentos demasiado agressivos. Paralelo a isso os pilares familiares sofreram algumas mudanças importantes na estruturação familiar. Atualmente a responsabilidade da manutenção familiar recai sobre ambos, a figura materna e paterna. Resultante disso as crianças passam a maior parte do tempo em instituições escolares ou com pessoas fora do seu círculo familiar. Como dito anteriormente, a maior responsabilidade por uma frustração e manutenção sadia da agressividade infantil é direcionada a mãe e posteriormente ao pai. Essas crianças ao sentirem a ausência e a necessidade de suas bases estruturais apresentarão comportamentos em desacordo com os aceitáveis socialmente para, de algum modo, conseguirem a sua maneira a satisfação às suas necessidades.

Englobando todos os fatores aqui apresentados o presente artigo procurou considerar de modo breve e sucinto alguns dos possíveis fatores causais na criança agressiva e suas conseqüências. O mesmo não teve a pretensão de dissertar de modo abrangente e sim partindo da premissa de expor os motivos considerados como importantes e de maior incidência.

Através dos autores apresentados aqui foi possível observar que não existe na agressividade um único fator motivacional. O que existe é sim um conjunto de fatores, que, ao encontram-se em um momento frágil no desenvolvimento instalam-se e prejudicam desde a criança, sua família e as pessoas de seu convívio.



O presente artigo fundamentou-se, na tentativa de colaborar para uma maior abertura e interesse tanto para pesquisadores quanto aos leitores, de modo objetivo e simplista. Com a intenção de ajudar os mesmos com um maior embasamento teórico sobre as causas e as conseqüências da agressividade infantil.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BORDIN, Isabel A. S.; OFFORD, David R. Transtorno da conduta e comportamentos anti-social. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v.22, Nº., p. 12-15, ISSN 1516-4446, 2000.

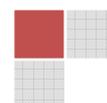
CAMPOS, Adriana. Agressividade infantil. **Educare**, Portugal, 2004. Disponível em:

<<http://www.educare.pt/educare/Opinioao.Artigo.aspx?contentid=103762311AC3A1FE0440003BA2C8E70&channelid=0&schemaid=&opsel=2>>. Acesso em: 08 Julho 2008.

DIAS, Ana Rita. Agressividade infantil. **SHVOONG**, Portugal, 2008. Disponível em: <<http://pt.shvoong.com/social~sciences/psychology/1758929-agressividade-infantil/>>. Acesso em: 08 Julho 2008.

FRANÇA, S. L.; YAEGASHI, S. F. R. A agressividade na infância: um estudo sobre suas causas e conseqüências. **Centro Universitário de Maringá - CESUMAR**, Maringá, 2005. Disponível em: <<http://www.cesumar.br/pesquisa/periodicos/index.php/iccesumar/article/viewfile/98/313>> . Acesso em: 20 mar. 2008.

MAIA, M. V. M. "Pode alguém comer seu próprio bolo e continuar a possuí-lo?" reflexões sobre a agressividade da infância a partir do olhar de Winnicott.



**RedePsi**, são Paulo, 2007. Disponível em:  
<<http://www.redepsi.com.br/portal/modules/msrtsection/print.php?itemid=906>> .  
Acesso em: 03 abril 2008.

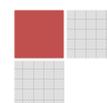
MAIA, M. V. C. M.; VILHENA, J. “Nos deram espelhos e vimos um mundo doente”: reflexões sobre agressividade, comportamento anti-social e violência na contemporaneidade. **Revista Científica Eletrônica de Psicologia**, Garça, 1ª ed., nov. 2003. Seção Artigos/Ensaios. Disponível em:  
<<http://www.revista.inf.br/psicologia01/>>. Acesso em: 03 Julho 2008.

MUCCHIELLI, Roger. **A personalidade da criança**: sua formação do nascimento até o fim da adolescência. 2 ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora A. M. Teixeira & C. A. (Filhos), 1963.

PAVARINO, M. G.; DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. Agressividade e empatia na infância: um estudo correlacional com pré-escolares. **Universidade Federal de São Carlos – UFSC**, São Carlos, 2005. Disponível em:  
<<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/psicologia/article/viewFile/4799/3682>> .  
Acesso em: 10 abril 2008.

SILVARES, E. F. M. Terapia comportamental com famílias de crianças agressivas: por que, como e quando. **Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – IPUSP**, São Paulo, 2000. Revista Paidéia. Disponível em: <  
<http://sites.ffclrp.usp.br/paideia/artigos/19/03.pdf>>. Acesso em: 10 abril 2008.

TÁVORA, Clino. Como abordar a agressividade infantil? **SAÚDE RAM**, Portugal, 2007. Disponível em:  
<[http://srsdocs.com/parcerias/revista\\_imprensa/medicosdeportugal/2007/mp\\_2007\\_07\\_14\\_564.htm](http://srsdocs.com/parcerias/revista_imprensa/medicosdeportugal/2007/mp_2007_07_14_564.htm)>. Acesso em: 08 Julho 2008.



WINNICOTT, D. W. **A Criança e o Seu Mundo**. 6ª ed. Rio de Janeiro: JC, 1982.

